

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

OZIETE SANTOS LIRA

A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO

Brasília
2025

OZIETE SANTOS LIRA

A LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Graduação em Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra.: Roberta Cantarela

Brasília
2025

RESUMO

A literatura tem sido ao longo de muitos anos, ferramenta de manifestação cultural de muitos povos. No Brasil, os mais diferentes movimentos literários marcaram diferentes formas de pensar de quem escrevia e lia a literatura da época. Com o advento das leis de inclusão no Brasil e o reconhecimento da libras como língua nacional, faz-se necessário também a afirmação da literatura surda enquanto manifestação cultural dos surdos. Como o acesso a literatura pelos surdos se dá de forma muito tardia e muitas vezes totalmente voltada para a língua portuguesa escrita, entende-se que é preciso apontar caminhos para que a literatura em libras se torne disciplina nas escolas brasileiras e que ela represente de fato a comunidade surda. O objetivo deste trabalho é mostrar como a literatura surda está representada não só nos livros, mas no teatro também e como ela pode representar quem a produz, bem como sugerir caminhos para descobrir se uma obra pode ou não ser considerada literatura surda.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Cultura.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá ser baseado em um referencial teórico a fim de explorar a literatura de forma geral e suas várias formas de interpretação. Em seguida o estudo será voltado para a uma análise das literaturas surdas feitas no Brasil. Sob um ponto de vista mais técnico e com embasamento teórico de pesquisadores que estão contribuindo com a construção de uma identidade cultural para os surdos e ainda falar da literatura em língua portuguesa e em libras. Este trabalho tentará provocar algumas reflexões a respeito de como a comunidade surda está representada culturalmente.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA/PROBLEMA/HIPÓTESE

Qual a maior dificuldade do surdo em acessar obras literárias? Seria o acesso tardio a obras traduzidas para a língua de sinais (geralmente esse contato se dá em séries mais

avanzadas) ou a falta mais material acessível seja em forma de vídeo nos primeiros anos escolares? Por que a maioria das obras literárias feitas para surdos não são feitas por surdos?

1.2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pelo fato de o ensino da literatura ser um tema de extrema importância, obrigatório e necessário, tanto no âmbito escolar quanto no social. Realizar uma análise da literatura voltada para a comunidade surda e falar da importância do ensino da literatura como instrumento de aprendizado, faz jus à realização deste trabalho.

1.3 OBJETIVO GERAL

Conceituar e referenciar a literatura de um modo geral e trazer a literatura surda como destaque dessa referência; expor o ponto de vista dos principais pesquisadores na área e suas contribuições para o tema.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Trazer a fundamentação teórica da literatura surda feita no Brasil;
- Relacionar a literatura feita em língua de sinais e a literatura brasileira;
- Mostrar exemplos de algumas obras literárias em libras;
- Propor um caminho para que, no futuro, haja mais obras literárias escritas por surdos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura é uma arte verbal. Assim como afirma Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1969) tem como sua principal característica o uso da linguagem. É por meio deste universo de ficção e até de um processo intencional que se criam mundos tão diversos, sendo essa linguagem apresentada de formas diferentes e nas mais diversas formas de fazer literatura. A Aguiar e Silva (1969), aponta que a literatura possui autonomia semântica, com seus próprios significados, seus próprios espaços e como esses espaços serão usados. E ainda que, os elementos que formam o texto literário servirão para que o leitor consiga interpretar o que está sendo dito.

Ainda de acordo com Gilbert Durand (1921) há dois elementos muito importantes que servirão de guia para a leitura do texto literário, são eles o mito e o arquétipo. O mito dentro de uma obra literária traz a ideia de representatividade e se perde no tempo, ou seja, o mito é mais forte quando é criado, no entanto ele não perde força à medida em que o tempo passa; já para Mircéa Elíade (1907-1986), o mito relata uma história verdadeira e que pode ou não

sofrer modificações com o tempo de acordo como ela é contada, ele cita como exemplo a criação do mundo e dos planetas que como sabemos, existem muitas versões que são dependentes do contexto de quem conta.

Já o conceito de arquétipo é apresentado por Nise da Silveira em seu trabalho sobre Jung, quando diz que: “O arquétipo é uma forma primitiva de se imaginar as coisas.” (Nise da Silveira (1981, p. 77). Na literatura estes arquétipos irão aparecer na capacidade que cada um tem de criar personagens, de imaginar situações e de desenvolver suas próprias narrativas baseadas naquilo que se acredita ser real.

O poeta romano Ovídio(43 a.C) defendia que o conceito de literatura não era fixo ou engessado, segundo o poeta o objetivo da literatura era ensinar por encantar. A partir do século XVI, surgiu a noção de que, entre todos os gêneros de texto, a literatura é que tem o prazer como o principal objetivo embora, o ensino possa ser também outro objetivo com seu uso.

Hoje as noções de literatura e prazer são intimamente ligadas, mas há uma certa ironia quando a maneira de estudar a literatura se desvincula do prazer. Muitos estudantes não entendem o aprendizado da literatura como uma forma de manifestação de sua própria cultura e valores, embora isso esteja escancarado em cada obra que é produzida no país, seja ela notada ou não.

Já expomos até aqui os elementos básicos que formam o texto literário. Então como podemos diferenciar uma obra literária de uma não literária? Segundo Amora (1973) em uma obra literária vão estar presentes conhecimentos intuitivos e individuais retirados sobre dados da realidade; já em uma obra não literária nos remete a uma interpretação coletiva. Uma receita de bolo, um manual de instruções são literaturas de entendimento coletivo, afinal todos que lerão o manual saberão em que botão apertar para ligar a televisão.

Amora (1973) nos fala a respeito dos tipos de leitores. Segundo ele há dois tipos: o culto e o comum. O leitor comum age de forma empírica diante de um texto literário e fará isso para se divertir e passar o tempo e até mesmo se instruir. Já o leitor culto lê para saber o valor e a natureza do que ele está lendo, quem é autor e quais foram as circunstâncias sob as quais a história foi feita. O autor ainda segue trazendo dois elementos essenciais na base da literatura, são eles: o tema e a forma.

A forma é constituída por meio de palavras e frases ela é concreta podemos ter, ouvir, ver e analisar de uma forma objetiva por outro lado, o tema ou conteúdo diz respeito a alguma

coisa abstrata, é imaterial. O tema é carregado pela forma e não devem ser divididos ou separados e caso isso venha a ocorrer será somente em casos em que seja necessário analisar a obra.

3 A LITERATURA NO BRASIL

Lajolo e Zilberman (1984) pesquisaram quase um século de literatura feita no Brasil para analisar as transformações e adaptações que o gênero infantojuvenil percorreu. Segundo as autoras, o Brasil passou por dois ciclos de transformações literárias, sendo um de 1890–1920 e o outro de 1921–1944. Temos no primeiro uma literatura mais voltada para a tradução e com enfoque mais adulto, enquanto no segundo ciclo vemos surgir a literatura de Monteiro Lobato, que rompe com padrões e cria uma linguagem mais próxima da infância, temos nas décadas de 60 e 70 uma literatura infantojuvenil que começa a ganhar força e cresce bastante nos anos de 1980.

A imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos. Enfraquece, assim, a velha prática de representar nos livros infantojuvenis apenas situações não problemáticas. Trazendo para os livros situações reais.

De acordo com Colomer (2003, p. 173 *apud* Luft) depois da revolução industrial novos leitores foram surgindo e foi exatamente para esses leitores que a nova literatura infantojuvenil teve que se adaptar. Os livros tiveram que se adaptar e encarar os problemas ao invés de escondê-los. Os livros voltados para os adolescentes possuem um padrão sendo a introspecção psicológica uma temática mais usada, seguida de denúncia social e jogos de ambiguidade. Durante sua pesquisa estes foram os temas que mais se repetiram.

Revisitando obras do século XIX até o início do século XX, Oliveira (2012) afirma que é em Monteiro Lobato que vamos encontrar o primeiro momento de independência da literatura infantil e juvenil brasileira separado do compromisso pedagógico, o que claro não a desvincula do uso no espaço escolar.

A autora afirma ainda que com o surgimento da escola elementar havia a necessidade de se estudar a criança e seu comportamento. A família passou a se organizar de um modo diferente, o que afetou diretamente sua relação com as crianças e os adolescentes.

Em sua pesquisa sobre o ensino da literatura, Zilberman afirma que a literatura entra na escola para reforçar o sentimento de identidade nacional. Essa identidade só reforça a ideia de que livros para crianças constituem um novo objeto cultural, onde visual e verbal se mesclam, Lajolo e Zilbermam (1984 p. 14).

Luís Camargo (2006) também defende a análise desses dois elementos para as obras infantojuvenis, no entanto sugere cinco categorias: suporte do texto, enunciação gráfica, a visualidade, a ilustração e o diálogo. Zilbermam (2002) contribui novamente e define a leitura como um jogo na qual o texto atua como uma força desestabilizadora, enquanto o leitor responde ativamente aceitando ou não, corroborando ou refutando.

Candido (2002) publicou alguns trabalhos onde o papel da literatura é ressaltado como uma forma de conhecimento e esclarecimento, atuando diretamente na formação intelectual do homem. Para o autor, a literatura é um direito humano fundamental e um dos instrumentos de instrução, educação e formação, não podendo, portanto, ser negado a ninguém. Isso explica o fato de que nos países onde a educação apresenta níveis de qualidade social superior ao Brasil, sempre basearam sua educação nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura (Candido, 2002, p.79).

Karnopp e Machado (2006) ao analisar obras voltadas para crianças, relembram que o ético e o estético se misturam, se relacionam para tornar as obras mais atraentes para seus leitores.

3.1 A RELAÇÃO DA LIBRAS COM A LITERATURA

As pesquisas sobre literatura surda e sobre a comunidade surda, deixam claro que há muitas diferenças entre a literatura feita por pessoas ouvintes e a feita por pessoas surdas, que vão desde a criatividade dos autores que as produziram, passando por compreensão do grupo estudado até mesmo os costumes da língua usada pelos surdos.

Vale a pena destacar que mesmo dentro de um grupo de surdos vão surgir vários contextos diferentes de uma mesma história, isso acontece porque assim como nós ouvintes, os surdos têm o seu meio de convivência, o seu meio familiar próprio, onde há uma troca constante de conhecimentos do meio com o surdo.

Partindo dessa análise vemos que obras relacionadas aos surdos e a surdez produzidas a partir do ano de 2000 são escassas, sendo que a maioria delas trata de traduções de grandes clássicos. O que restringe bastante o surdo de se colocar como parte dessa literatura.

Os surdos também têm sua própria forma de contar suas histórias. A função social de contar história depende muito do espaço em que ela está sendo contada. A literatura surda feita no Brasil está disponível na maioria das vezes somente em forma de vídeos, pois os surdos dependem muito do apoio visual para interpretar o que está sendo dito.

Quadros e Sutton-Spence (2006) ao analisarem obras produzidas por surdos do Brasil e da Inglaterra perceberam que ambas as produções privilegiaram a cultura e identidade do seu país de origem. Esse é exatamente o ponto já apontado anteriormente neste trabalho. Os surdos brasileiros ao contarem histórias vão contar histórias relacionadas com a suas origens e experiências pessoais vividas no Brasil.

Ao falarmos da arte do teatro, que tem uma relação muito íntima com a literatura, encontramos no trabalho de Vieira e Lima (2016) a informação de que o teatro é muito bem aceito pela comunidade surda e que isso se dá porque o teatro é uma arte bastante visual. O surdo encontra no teatro uma forma de se expressar, de contar a sua história muitas vezes com o seu próprio corpo, fazendo uso das mãos e de expressões faciais.

Na maioria das escolas brasileiras não há incentivo para aulas de teatro, isso porque o ensino prioriza a aprendizagem cognitiva e não em aspectos afetivos e psicomotores, característica importante tanto para quem faz teatro, quanto para o surdo que no seu dia a dia tem necessidade de expressar de uma forma mais intensa no meio de uma conversa. Sobre a necessidade de uma educação para surdos mais expressiva, podemos recorrer a Courtney (2003) para afirmar que é preciso uma educação que habilite os homens para desenvolverem suas qualidades humanas. Não há humanidade onde não é possível se expressar de forma verdadeira.

Os surdos têm uma dificuldade natural em entender textos escritos em português e no teatro eles são capazes de se expressar de forma completa. Guarinello (2007)

Quando o aluno surdo tem contato com disciplinas como a língua portuguesa, literatura e artes e o teatro, ele pode, enquanto proposta pedagógica da escola, atuar para melhor compreensão do que ele leu.

Quadros e Karnopp (2004), referências na pesquisa de línguas de sinais, afirmam que as línguas de sinais e as línguas orais apresentam muitos aspectos em comum. A libras por

exemplo, apresenta unidades mínimas que vão explicar a fonologia da língua de sinais tal qual existe na língua portuguesa os fonemas e os morfemas.

3.2 A TRADUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA DE SINAIS

As traduções de obras literárias sejam da língua portuguesa ou em outras línguas para a libras devem seguir uma série de requisitos para que sejam minimamente aceitas pelos surdos e que possa cumprir o seu papel, que é o de fazer com que o surdo se sinta parte daquilo que está sendo dito. Os surdos desistem de ler um livro assim que sentem que a leitura está muito carregada de palavras que ele não está familiarizado.

Jakobson (1959), destaca três tipos de traduções, que aqui serão comentadas somente com a finalidade de situar o leitor no processo de construção de histórias contadas em língua de sinais. São elas:

1. Tradução intralingual ou reformulação, a interpretação da língua para a mesma língua (por exemplo, o texto de adulto para texto infantil).
2. Tradução interlingual ou tradução propriamente dita, que é definida como a interpretação de uma língua para outra; ou seja, uma interpretação de signos verbais de uma língua para outra língua.
3. Tradução intersemiótica ou transmutação que é definida como a interpretação de um sistema de código para outro por meio de signos de sistemas não-verbais.

Segala (2010) propôs ainda incluir a tradução intermodal como um quarto tipo de tradução aplicado às traduções que envolvem uma língua de sinais. Ou seja, a tradução intermodal está imersa nesses três diferentes tipos de tradução apresentados por Jakobson.

Quadros; Souza e Segala (2013) apresentam o processo estabelecido nas traduções do português escrito para a libras no contexto dos cursos de Letras - libras. Eles destacam pontos importantes a serem levados em conta durante o processo de tradução como por exemplo, a explicitação, a soletração e ainda a introdução de elementos como glossas, gráficos e desenhos. Sem estes recursos o texto literário deixa de cumprir a função de representar aquele que está lendo o texto.

Durante a tradução de personagens de histórias infantis precisam ser antropomorfizados (dando a eles vida, no caso de animais ou objetos com características humanas) Sutton-Spence; Napoli (2010). Nesse sentido, nos referimos a tradução intermodal.

As descrições imagéticas, também referidas como classificadores, fazem parte das línguas de sinais, e trata essas descrições como algo mais amplo do que os classificadores, pois o termo classificadores é utilizado para referir o uso de morfemas que referem classes em algumas línguas Ferreira-Brito (1995).

Ainda sobre o uso das imagens, Luchi (2014) diz que as descrições imagéticas podem ser aplicadas nas traduções da língua portuguesa para a libras e isso implica em tradução interlingual e intersemiótica. Atualmente as traduções feitas a partir de línguas de sinais para as línguas orais podem também ser feitas por meio de filmagens sendo esse recurso o preferido entre os surdos.

Mas há o registro de traduções escritas em língua portuguesa e que estão começando a ganhar a simpatia entre os surdos. Segundo Krusser (2013), essas filmagens de textos em libras precisam ser produzidas para uma leitura do texto em libras que apresentem características pertinentes para ser legível e prazerosa, caso contrário o surdo irá inevitavelmente deixar a leitura assim que sentir dificuldade em algum ponto do texto.

O tradutor intermodal, intersemiótico e interlinguístico, deve conhecer as duas línguas associadas às suas manifestações culturais e suas articulações em duas modalidades diferentes. O desconhecimento ou a falta de fluência pode comprometer as traduções e resultar na insatisfação dos leitores usuários da libras. Não basta ao tradutor conhecer as línguas implicadas na tradução. O tradutor precisa conhecer e saber as culturas que estão marcadas na língua de alguma forma apresentando sutilezas nas formas de traduzir sentidos. Daí a importância de o tradutor fazer parte daquela comunidade surda.

Quando filmamos uma história em libras, estamos querendo ser vistos por quem não pode se expressar de forma oral e de acordo com Novak (2005), isso acontece porque se trata de uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões, é uma língua que depende da presença material do corpo do tradutor, por isso, também ator.

A tradução é um processo muito delicado e como já dito antes, requer etapas que quando não respeitadas podem ter como consequência o desinteresse daquele para quem o texto foi pensado, nesse caso o surdo. Segala é sucinto ao afirmar que: "ser tradutor não é ser aquele que sabe duas línguas e que simplesmente transpõe uma língua para outra; também não é só aquele que reconstrói significados." (Segala, 2010, p. 7).

Não podemos deixar de destacar que mesmo quando a tradução se dá da língua de sinais para a língua portuguesa, é preciso levar em conta também a tradução cultural do surdo.

De acordo com Anater (2008) pensar entre maioria e minoria na tradução cultural mostra que as ideias de pertencimento ajudam e dão segurança aos indivíduos culturais. Isto é, mesmo que a mensagem seja dada em língua portuguesa, torna-se necessário levar em conta a individualidade cultural do surdo, para não correr o risco de não realizar a tradução e a mensagem, ou informação não chegar ao receptor surdo.

4 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA EM LIBRAS

A literatura brasileira é feita de obras de autores clássicos (e mortos). Essa é a reflexão trazida por Sutton (2021) que completa citando autores bastante conhecidos dos leitores brasileiros, como Casimiro de Abreu, José de Alencar, Vinícius de Moraes, Castro Alves, Jorge Amado, Machado de Assis, Clarice Lispector e Rachel de Queiroz. E essas obras fazem parte dela, sim, porém a autora defende que a literatura não é apenas culta para estudo, mas também popular e informal para entretenimento.

Os livros de Paulo Coelho, livros de contos de fadas ou outras narrativas de literatura infantil (já citadas nesta pesquisa), os poemas de Cordel contemporâneos, as letras das canções de samba, rap, os quadrinhos da Turma da Mônica, tudo isso são exemplos de literatura. Não podemos esquecer que a literatura como um artefato ou evento linguístico não cotidiano, que vai além de simplesmente comunicar. O importante na literatura é o uso da linguagem com o principal objetivo de proporcionar prazer, de maneira que a sua estrutura se destaque.

Muitas pessoas entendem a literatura como uma arte estética da linguagem escrita que se centra no texto escrito, com foco nas atividades de ler e escrever. Essa definição, todavia, é muito limitada e exclui já muitos exemplos de uso da língua estética, mesmo em português, porque estão na forma falada. A literatura dos surdos criada em libras é raramente escrita, mas é uma forma de literatura.

O termo “literatura em libras” pode se referir a poemas, contos, piadas, jogos e outras formas de arte criativas feitas em libras que são culturalmente valorizadas. A literatura produzida em libras é uma forma linguística de celebrar a vida surda e a língua de sinais.

Embora tenha as suas origens na língua de sinais cotidiana, essa língua mudou e se destaca por ser “diferente”. Heidi Rose (2006), dá sua colaboração a respeito da literatura surda ao dizer que: “a literatura em qualquer língua de sinais mescla a língua, as imagens

visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, uma literatura do corpo e uma literatura de performance.”

A literatura em libras é um artefato importante da cultura surda e é um processo que deve estar em crescente evolução. Visto que as pessoas surdas participam da literatura e assim ela está constantemente mudando. A forma dessa arte é uma troca social na qual os artistas e seu público a constroem juntos. A literatura surda original em libras, ou seja, a que não foi traduzida da literatura das línguas orais para língua de sinais, é especialmente valorizada na comunidade surda, porque ela mostra as experiências das vidas dos surdos. Algumas dessas experiências vivenciadas são iguais às das pessoas ouvintes, mas outras são particulares de pessoas surdas (como a resistência à opressão pela sociedade dos ouvintes, os problemas de educação dos surdos, as alegrias de conhecer a libras, a experiência visual do mundo dos surdos e os sucessos da comunidade surda).

Seja qual for o assunto, a literatura mostra a perspectiva visual de uma pessoa surda através da língua de sinais. O povo surdo brasileiro cria a literatura dentro de seu contexto nacional. Embora os surdos componham literatura em libras, são todos bilíngues que sabem a língua portuguesa (ainda que esta seja uma segunda língua) e participam da vida cultural dos brasileiros.

A experiência dos surdos brasileiros faz parte da vida brasileira: a comida, as roupas e as tradições culturais (como as festas e as crenças folclóricas); a natureza, a geografia e a história do país; a vida política, social, econômica e técnica, tudo isso faz parte da literatura em libras. Por isso, ainda que se trate de uma literatura em língua de sinais feita por pessoas surdas, a literatura em libras faz parte da literatura brasileira. Além da importância da cultura do país, também tem influência da literatura em língua portuguesa nos assuntos abordados, na estrutura e na sua forma de apresentação.

Por outro lado, a literatura em libras é principalmente a literatura de uma comunidade surda, em específico. A experiência compartilhada pelos surdos, apesar de os surdos no mundo inteiro terem muitas características semelhantes, a comunidade surda brasileira é diferente das comunidades de outros países, pela existência da Lei de libras. As experiências políticas e educacionais – e até literárias – acontecem todas em respeito à Lei 10436/2002 e ao Decreto 5626/2005, que estabelece o direito dos surdos de ter acesso a informações em libras.

Há muitas teorias sobre a “melhor” maneira de estudar e analisar a literatura. Algumas exigem que as pessoas foquem na linguagem, outras no contexto social, outras, ainda, que se observe as diversas perspectivas políticas sobre o contexto da literatura. Quando sabemos quais são os elementos que nos interessa, podemos tentar entender a relação entre eles para que possamos compreender melhor o todo. Porém, seja qual for o objetivo da análise, precisamos aprender a observar, descrever e explicar o que estamos vendo.

A observação não é fácil. Cada vez que assistimos a um vídeo de uma boa obra de literatura em libras, vemos sempre mais coisas que não tínhamos percebido antes. É importantíssimo realmente ver o texto e não simplesmente olhar ele. O que vamos descrever e explicar depende do nosso interesse. Por exemplo, se temos interesse no uso da língua, que é o foco deste livro, na estrutura das narrativas e dos poemas ou nos movimentos físicos do artista, podemos prestar atenção nisso.

Normalmente, não queremos descrever tudo dentro de um texto de literatura em libras (que será até quase impossível, porque há tantas coisas para estudar), mas sim escolher algumas partes ou determinados aspectos como, por exemplo, o espaço, e as expressões não manuais, o uso de classificadores ou a incorporação dos personagens. Ou, se temos interesse nos temas e na representação dos personagens, procuramos elementos que possam ajudar a estudar isso.

4.1 COMO ANALISAR UMA OBRA LITERÁRIA EM LIBRAS?

Para analisarmos uma obra literária em libras, é necessário que sejam respondidas algumas perguntas que nos ajudarão a identificar e entender a história que está sendo contada, são elas:

1. Onde e quando a obra foi apresentada?

Foi gravada num lugar com público ao vivo? Aconteceu num festival, em uma festa, manifestação ou em outro evento? Em um estúdio? Em uma sala de aula? É contada junto com outras imagens ou atividades?

2. Quem a apresenta?

Não é apenas o nome da pessoa que importa, mas o “perfil” dela. É surda ou ouvinte (às vezes, não sabemos)? É professor? O ou a, intérprete, aluno/a ou artista reconhecido/a? Quantos anos mais ou menos, ele/a, tem? É homem ou mulher? Talvez a raça/etnia, a religião ou a região geográfica da pessoa importe.

3. Por que foi apresentada?

A obra é para entreter (a quem conta ou a quem vê)? É para o ensino, tem objetivo didático? É para celebrar as conquistas de uma pessoa ou um evento? É para estudar a linguagem literária ou o conteúdo? É para dar acessibilidade aos surdos a uma obra já conhecida na sociedade brasileira dos ouvintes?

4. Qual a origem e contexto?

É uma tradução de um texto (de um livro ou outro tipo, como um filme)? É um “reconto” de uma história (por exemplo: uma piada, fábula, lenda ou um conto de fadas)? Tem adaptações para se tornar mais agradável ao público surdo? É um texto original do autor? Vem da experiência pessoal de quem conta? É ficção ou fato?

5. Qual é o seu público?

O texto é destinado a um público de que idade? Às crianças (de qual idade)? Jovens? Adultos? Surdos fluentes em libras? Ouvintes que estudam libras? Amigos do artista? Outros artistas surdos? Um público grande e desconhecido?

6. Qual o grau e o tipo de participação do público?

É formal, por exemplo, um vídeo preparado e gravado sem público? É uma performance, por exemplo do Hino Nacional ou de uma oração na igreja? Esse tipo de formalidade tem regras e convenções específicas sobre a participação dos outros? O artista conversa diretamente com o público (por exemplo, cumprimenta-o antes de começar ou explica para eles o contexto da obra)?

Embora esses tópicos sejam sugeridos para uma melhor análise de obras literárias em libras, é preciso reforçar que não é obrigatório entrar em detalhes para responder a cada pergunta. De forma mais sucinta ela sugere que levemos em conta três aspectos na hora da análise:

- a performance (isto é, como a pessoa apresenta ou faz o trabalho e o contexto em que acontece)
- o conteúdo (isto é, o que tem dentro da obra. Qual o tópico, o tema? Quem são os personagens? O que acontece? É uma metáfora?)
- a forma da linguagem usada (por exemplo, tem muito vocabulário ou não? Tem muitos classificadores? Usa muitas expressões faciais ou espaço simétrico?)

4.2 AS MODALIDADES DA LITERATURA EM LIBRAS

Assim como a língua portuguesa pode ser falada e escrita, na libras também existem duas modalidades: a sinalizada e escrita, embora a libras escrita ainda não seja muito comum. A literatura surda em língua de sinais se realiza, normalmente, na modalidade sinalizada e muitos elementos dessa forma de arte são fundamentados no fato daquela ser uma literatura visual de performance e do corpo.

Nas literaturas escritas, tais como a brasileira, escrita em português, estamos acostumados à ideia de que o texto pode ser separado do autor e quando o lemos recebemos pouca informação sobre o aspecto da pessoa que o escreveu. Entretanto, a literatura surda em língua de sinais não se desenvolve somente na modalidade sinalizada. Existem alguns exemplos de literatura em libras escrita, especialmente, e atualmente, em SignWriting.

Esse sistema já foi usado para as histórias infantojuvenis traduzidas ou adaptadas por razões didáticas como pesquisou Marquezi (2019). O exemplo de um clássico da literatura surda brasileira se trata de uma adaptação do livro, Cinderela Surda (Silveira; Karnopp; Rosa, 2003) que é uma obra bilíngue, escrita em português e libras.

5 LITERATURA VISUAL?

Até esse ponto, falamos de literatura produzida numa língua, em libras ou em português. A literatura visual é uma categoria de literatura que dá prioridade às imagens visuais, especialmente às produções não verbais. Assim, os teatros sem palavras e a mímica, os livros de imagem, os gibis e as histórias em quadrinhos fazem parte também da literatura visual.

Muitas dessas formas de literatura visual produzidas por pessoas ouvintes são acessíveis à comunidade surda por não usarem uma língua baseada no som, apesar de não

serem literatura surda (porque não satisfazem nenhum dos nossos quatro critérios de literatura surda). Também, há literatura visual não verbal que não utiliza a libras (por exemplo mímicas e histórias em quadrinhos), mas que faz parte da literatura surda pelo fato de ser feita por surdos, por abordar assuntos que destacam as experiências dos surdos e destinada ao público surdo.

Porém, lembramos que a literatura em libras é verbal, embora as línguas de sinais sejam gestuais-visuais-espaciais e a literatura surda tenha o objetivo de criar imagens claras para o público. Na literatura em libras existe uma linguagem com a intenção de criar imagens visuais em forma de gestos. Os gestos vão além dos sinais, para criar literatura visual sinalizada, que não é a língua, mas derivada da estrutura visual desta; usa-se uma técnica chamada Vernáculo Visual ou VV.

É preciso ter cuidado ao categorizar a literatura surda. Alguns tópicos são importantes na hora de fazer essa categorização e já foram citados antes como: ser feita por surdos; tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; ter o objetivo de atingir um público surdo e ser apresentada em libras. Porém ela ressalta que em alguns casos a obra apresenta apenas três destes critérios e mesmo assim pode ser considerada literatura surda.

O poema, Lei de Libras, de Anna Luiza Maciel e Sara Theisen Amorim, contempla esses quatro critérios: foi criado e apresentado por autores surdos, fala de um assunto da comunidade surda (o prazer de usar libras), é destinado principalmente ao público surdo e foi apresentado em libras.

Tradicionalmente, os artistas de libras aprendem a arte de contar narrativas nas escolas de surdos. As crianças passam histórias adiante entre si e os sinalizantes transmitem suas habilidades aos mais novos na escola. Nas escolas bilíngues, hoje, podemos esperar que os professores, e não mais apenas os estudantes, ensinem às crianças como contar histórias. Além disso, a maioria deles estuda apenas a literatura em português, às vezes traduzida para uma forma de libras (por exemplo, os contos de Machado de Assis em libras).

Dar acesso a essas narrativas clássicas é muito importante para os alunos surdos, mas não gera as mesmas emoções neles como gera nos alunos que têm o português como primeira língua. (Spooner, 2016).

5.1 GÊNEROS LITERÁRIOS EM LIBRAS

Os gêneros literários em libras, podem ser categorizados em função da veracidade (ou não) do conteúdo e de sua forma e baseados em origem, conteúdo e público-alvo. A definição de gênero literário usada nesta pesquisa a partir da ideia de Herbele (2011) podemos entender a definição de gênero como algo que diz respeito a um tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, formal ou informal, caracterizado e reconhecido pela função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s) onde é utilizado.

Os gêneros são divisões culturais; cada cultura categoriza a sua própria literatura à sua maneira. Isso acontece porque cada cultura valoriza e tem conhecimento de coisas diferentes; cada cultura usa a língua de forma particular. Por isso, os gêneros de literatura em libras não seriam necessariamente iguais aos gêneros de literatura em português brasileiro.

A pesquisadora surda americana Cynthia Peters (2000) observa que os gêneros literários em línguas de sinais não se encaixam facilmente dentro dos gêneros literários criados para as línguas orais. Alguns artistas surdos (e seu público) preferem não ter interpretação durante uma performance literária, porque segundo eles, a voz tira a atenção do corpo do artista, onde fica a produção. Nessa situação, o artista pode apresentar uma tradução escrita antes da sua apresentação e depois o público assiste à performance sem interpretação.

Uma opção para a tradução escrita é de seguir uma forma tradicional, usando as normas da literatura de língua portuguesa. Por exemplo, podemos traduzir um poema em libras para o português escrito com versos e estrofes para lembrar ao público que eles irão assistir a um poema. Outra opção é a de o artista explicar os sinais que o público precisa saber e depois deixar as pessoas usarem essa explicação durante a apresentação.

A tradução literária é uma parte importante dos estudos de literatura em libras. Historicamente, a tradução da literatura do português para a libras ajudou no desenvolvimento das normas literárias da comunidade surda com o uso da linguagem estética. A origem não surda de uma obra não necessariamente significa que esta não utiliza as normas surdas. Os recontos têm o objetivo de recontar uma história tradicional de libras em qualquer forma e, muitas vezes, têm a intenção de entreter.

As adaptações incluem personagens ou comportamentos surdos para criar uma ligação mais forte com o público surdo. A tradução mais fiel é mais comum nos contextos educacionais. As traduções podem acontecer do português para a libras e vice-versa, cada

uma trazendo seus próprios desafios. Vimos que os desafios para tradutores surdos e ouvintes vêm dos textos e das necessidades dos públicos surdos e ouvintes. De qualquer forma, uma tradução bem-feita pode abrir novos caminhos para a criação de literatura em libras e até mesmo em português.

5.2 A LIBRAS, A TECNOLOGIA E O ENSINO

A literatura surda também sofreu mudanças tecnológicas e sociais assim como todas as outras formas de literatura. Krentz (2006) propôs uma analogia da câmera com a máquina de impressão para literatura surda. Talvez seja mais correto dizer que a câmera com seu filme é a tecnologia análoga ao papel e à caneta porque os dois permitem o registro permanente das palavras. Atualmente temos os telefones celulares e as chamadas de vídeo que facilitam muito a comunicação entre os surdos e com os surdos.

Sutton expõe que, quando um público não surdo entende o valor e a beleza da literatura, ele ajuda a fortalecer a sua aprendizagem e o próprio status da literatura. De acordo com Paran (2008), geralmente a aprendizagem da literatura ajuda qualquer estudante de uma língua estrangeira. No caso dos surdos isso ajuda a fortalecer a literatura produzida pelos surdos.

Os professores de adultos ouvintes que estudam libras como uma segunda língua (L2) podem aproveitar a literatura em libras, mas infelizmente muitos cursos ainda não ensinam nada nessa perspectiva. Acima de tudo, o professor de libras pode usar a literatura para ensinar sobre uma boa forma de língua brasileira de sinais de que é fortemente visual.

A linguagem das obras literárias é uma forma de libras mais valorizada. Com ela se criam imagens visuais ou sinais originais e criativos. A literatura pode ensinar sobre a cultura surda, que faz parte do ensino de libras, porque o conteúdo das narrativas originais em língua brasileira de sinais e dos poemas, das piadas e das peças de teatro surdo mostra o que um autor surdo e o seu público acham importante para representar a visão da sua cultura surda. Os textos literários também oferecem exemplos para o ensino de tradução/interpretação.

Os formandos já são fluentes em libras, mas os textos mostram uma forma das libras mais visual e menos parecida com a língua portuguesa. Isso ajuda a aperfeiçoar a língua dos intérpretes e pode estimular novas estratégias de tradução.

Podemos utilizar a literatura em libras para ensinar sobre a própria literatura, mostrando as possibilidades e novos limites da literatura visual para os estudiosos dessa área. Por que há pouca literatura nas aulas de libras como L2? Visto que é tão importante incluir literatura em libras nos cursos para os alunos de L2, podemos perguntar por que ela não é mais utilizada. Às vezes, simplesmente ninguém a colocou no currículo e basta que este seja atualizado e considere a inclusão de elementos mais literários.

Mas, além disso, se os professores não se formaram com disciplinas sobre literatura em libras em seus cursos, eles não saberão como utilizá-la no ensino, tampouco que a literatura tão visual é uma ferramenta muito útil para melhorar a experiência de aprendizagem dos alunos (Sutton-Spence, 2020).

A falta de recursos é outro problema. Precisamos de antologias e coleções de literatura em libras disponíveis para todos os professores, mesmo que eles tenham um dom para contar histórias ou poemas. Como vimos antes, os professores precisam de recursos como antologias de ensino com exemplos de literatura em libras e materiais didáticos para serem utilizados com os vídeos. Isso se torna ainda mais importante se o professor não tiver a aptidão de contar histórias ou outros tipos de literatura em libras.

Faltam ainda recursos adequados para todas as idades de alunos de L2, porque a maioria dos recursos é destinada para crianças, alunos de libras como L1. Embora os contos de fadas sejam levemente agradáveis para os adultos, nem sempre têm um nível adequado para os mais velhos. Alunos que são pais ouvintes de filhos surdos ou professores de alunos surdos podem querer assistir a Chapeuzinho Vermelho em libras para que possam contar esse conto a um novo surdo.

Mas talvez Chapeuzinho Vermelho não seja uma escolha adequada para alunos de graduação nas universidades federais, por exemplo. Por isso, precisamos de recursos para todos os perfis de alunos do ensino superior, do ensino médio, fundamental, até o jardim de infância a divulgação da literatura em língua de sinais brasileira para adultos surdos nesses contextos, para que a literatura surda e a libras criativa floresçam e possam passar dos surdos mais velhos aos mais novos.

No entanto, a realidade da educação das pessoas surdas hoje em dia está nas escolas inclusivas, onde não se aprende nada sobre a literatura surda e não se encontra a linguagem literária em libras. Por isso, o ensino de literatura em libras para adultos surdos é ainda mais relevante.

Alguns exemplos de literatura surda para conhecer e entender a comunidade surda.

- Poesia estética – Como Veio Alimentação, de Fernanda Machado (duração 00:37).
- A Pedra Rolante, de Sandro Pereira (vídeo)
- O livro Cinderela Surda (Silveira; Karnopp; Rosa, 2003) é um exemplo bilíngue, escrito em português e libras.
- O poema Lei de Libras, de Anna Luiza Maciel e Sara Theisen Amorim.
- O Modelo do Professor Surdo, de Wilson Santos Silva.
- Saci, de Fernanda Machado, baseado no poema original do poeta britânico Paul Scott Tree (Árvore).
- Árvore, de André Luiz Conceição.
- A Pedra Rolante, de Sandro Pereira.
- Bolinha de Ping-Pong, de Rimar Segala.

Há alguns pontos principais, no que se refere à intenção, ao se comunicar em libras: contar, quando se fala coisas por meio do vocabulário; mostrar, quando é mostrado a forma o movimento das coisas com classificadores e o tornar, quando mostra a forma e o comportamento das coisas através da incorporação, ou seja o contador da história se torna aquilo que ele está contando.

Algumas adaptações soam mais como um reconto, como o conto de fadas, Cinderela Surda, e não precisam seguir um texto escrito, mas são baseadas nas histórias originais dos ouvintes. A história de Cinderela é mundial, já as histórias do Curupira ou do Negrinho do Pastoreio pertencem à literatura folclórica brasileira, com origem na sociedade dos ouvintes brasileiros, mas que foram contadas em libras. Diante disso, ao estudar a estética da linguagem literária em libras, precisamos pensar sobre o uso dessas três ações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma forma mais simples e resumida entende-se a literatura como a forma de manifestação de um povo. Quando alguém escreve e registra de alguma forma o que está acontecendo naquele momento, este alguém está libertando aquele povo.

Assim, se a literatura, liberta, identifica e forma o pensar, se faz mais do que necessária a criação da literatura feita por quem de fato precisa ser libertado. Libertado de lugares que não lhe pertencem e de onde foram colocados sem antes serem consultados. É preciso falar da literatura surda fora dos grupos fechados e falar a respeito dela em publicações e produções literárias.

O surdo deve estar onde, de fato ele queira estar, vivendo e compartilhando suas próprias histórias e experiências de vida. A literatura surda tem sido usada como forma de manifestação e pertencimento, muito antes dos ouvintes se darem conta do quanto isso era necessário e importante, tanto para os ouvintes, que precisavam entender o mundo do surdo, quanto para a própria comunidade surda, que buscava registrar a história a sua maneira. Sendo assim, se faz necessária a criação, divulgação e registro de uma literatura surda, feita por surdos, em língua de sinais e com contextos que trazem a vivência e a sensação de pertencimento aos surdos e a compreensão destes aspectos pelos ouvintes.

As literaturas surdas que temos disponíveis hoje no Brasil, são em sua maioria versões de histórias já publicadas. Há pouquíssimas obras completamente originadas da cultura surda. Espera-se que, com as ideias expostas neste contribuir e agregar pensamentos e ações para que a literatura em língua de sinais se torne não só disciplina obrigatória nas escolas brasileiras, mas que ela possa ser reconhecida como parte da representação de uma comunidade. A partir destes eventos será possível criar um legado da literatura surda (ainda que isso seja um sonho distante), para que no futuro os surdos possam ler a sua própria literatura, e assim conhecerem a si próprios e ao meio em que vivem, tal qual nós ouvintes fazemos atualmente com literatura registrada em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

DIAS, Larissa Fernandes. **Tradução comentada do conto “Eu e o rato”** de Rodrigo Custódio. 2020. 85 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras-Libras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

KARNOPP, Lodenir; HESSEL, Carolina. Metodologia da Literatura Surda. In: KARNOPP, Lodenir; HESSEL, Carolina. **Análise de livros: ênfase na literatura infantil sobre Surdos**. Unidade1. Florianópolis:2009 p. 02-50.

KARNOPP, L. B.; POKORSKI, J. de O. **Representações na literatura surda sobre modos de ser surdo**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 29, n. p. 355–373, 2016. Acesso em: 2 jun. 2023.

LEITE, Alana Vasconcelos. **A importância da literatura para a educação infantil**. 2019. 24 f. Monografia (Especialização) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

LUFT, Gabriela. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI**. In: LUFT, Gabriela. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília: 2010 p. 111-130.

MACHADO, Márcia. **Literatura, formação e educação na obra de Antonio Candido: a humanização do homem**. Estudos Avançados, [S.L.], v. 37, n. 107, p. 163-182, jan. 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.010>.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: experiência das mãos literárias**. 2016.285 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

OLIVEIRA, Meirilayne Ribeiro de. **Poesia infantil e juvenil brasileira: transformações e deslimites**-2012. 125 f. . Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

REGINO, Sueli Maria de. **Teoria da literatura: conceitos básicos**. Goiânia: Ed. Da Autora. 2021.E-book.

SUTTON-Spence, Rachel. **Literatura em libras** [livro eletrônico] /Rachel Sutton-Spence ; [tradução Gustavo Gusmão]. 1 Ed. – Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.